

DE PASSAGEM PELO PARAÍSO: RASTROS DE STEFAN ZWEIG

Douglas Rodrigues da Conceição¹

RESUMO: Redigidas durante o exílio, algumas cartas de Stefan Zweig (1881-1942) guardam íntima relação com o Brasil – país que acolheu inúmeros exilados, país do poema “Canção do exílio”, país onde o escritor austríaco escrevera sua *ultima verba*, datada de 22 de fevereiro de 1942. Neste artigo, tentaremos demonstrar que algumas missivas de Zweig – sobretudo as que foram redigidas entre 1936 e 1942, portanto, marcadas pelos ventos do exílio –, podem ser vistas, a um só tempo, como escrituras que tracejam uma exaltação do “país do futuro”, isto em razão de uma particular percepção paradisíaca do Brasil, mas também como testemunho escrito do radical confronto do autor com a experiência da finitude. As perspectivas teórico-metodológicas são evocadas a partir de Edward Said, Maria José de Queiroz e Ana Pérez.

Palavras-chave: Stefan Zweig; Exílio; Brasil.

PASSING THROUGH PARADISE: STEFAN ZWEIG’S TRACKS

ABSTRACT: Written during his exile, some letters of Stefan Zweig (1881 - 1942) retain an acquainted relationship with Brazil - country that hosted countless exiles, the home country of the poem “Canção do Exílio” (Exile Song), country where the Austrian author wrote his *ultima verba* dated February 22nd, 1952. In this article, we will try to demonstrate that some missives of Zweig – mainly those ones written between 1936 and 1942, therefore, marked by the exile winds – may be seen, at the same time, not only as scriptures that trace an exaltation of the "country of the future", due to a particular paradisiac perception of Brazil, but also as written testimonials of the radical conflict between the author and the experience of the finitude. The theoretical-methodological perspectives are concentrated in works by Edward Said, Maria José de Queiroz and Ana Pérez.

Keywords: Stefan Zweig; Exile; Brazil.

Introdução

*[...] eu sabia, como o patriarca Ló da Bíblia,
que o mundo atrás de mim era pó e cinza...*

Stefan Zweig

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Realizou pós-doutorado pela Université Paris Nanterre. É professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA), onde atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Coordena o Laboratório Interdisciplinar de pesquisas em Religião e Cultura. É membro do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da Diversidade. **E-mail:** abismos@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5215-7291>.

Como tão bem delinea Maria José de Queiroz (1998) em seu erudito trabalho, as múltiplas imagens e experiências do exílio podem ser evocadas desde as formas de expressão literária do mundo antigo. Após 1933, em razão das conturbadas circunstâncias políticas amplamente conhecidas, tornou-se notório, talvez mais do que em qualquer época, o franco florescimento do que chamamos hoje de literatura do exílio², tanto que Edward Said reconhece que “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados” (SAID, 2003, p. 46).

As missivas de Zweig marcadas por sua trágica experiência de transeunte, de hóspede, de errante, de *alien enemy* são exemplos substantivos da afirmação de Said. Errante desde 1934, exilado do seu mundo espiritual, a Europa, e das suas duas pátrias, a Áustria e a língua alemã, Stefan Zweig nos deixaria em Petrópolis, 1942, datado de 22 de fevereiro, o seu derradeiro ato de escrita.³ A sua morte em Petrópolis selaria definitivamente a sua relação com Brasil.

1. De 1936 a 1942: passagens pelo paraíso

A relação de Zweig com o Brasil iniciou-se nos idos dos anos 30, quando passara pela primeira vez por este país, muito provavelmente por força de um convite de Abraão Koogan, à época um jovem editor⁴. Era então 21 de agosto de 1936 quando Stefan Zweig desembarcara no cais do Rio de Janeiro, na praça Mauá. Embora já sentisse nessa época os solavancos do exílio, o estatuto de hóspede (cf. DINES, 2004, p. 35), tal como figura em seu cartão de desembarque, marcaria a fogo os seus laços com o Brasil⁵.

A experiência de Zweig com o Brasil foi vertiginosa. O fascínio pelo país no qual passaria os últimos meses de sua vida nasceu em 1936 ao realizar a viagem que não duraria mais que 12 dias (cf. DINES, 2004, p. 19). Em carta datada de 17 de setembro de 1936, Zweig diz a Raoul Auernheimer que sua viagem à América do Sul havia sido maravilhosa, sobretudo

² Para Ana Pérez a existência da literatura alemã do exílio só pode ser pensada em razão do forçado êxodo de autores face ao regime nazista. Cf. PÉREZ, Ana. *El exilio alemán (1933-1945). Textos literario y políticos*. Madrid: Marcial Pons, 2008, p. 17.

³ Também em Petrópolis conclui [*Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers*], sua autobiografia, e *Xadrez, uma novela*, [*Schachnovelle*].

⁴ A belíssima e erudita biografia de Stefan Zweig, que foi escrita por Alberto Dines, é sem dúvida um importante documento para a compreensão das relações entre o escritor austríaco e o Brasil. Cf. DINES, Aberto. *A morte no paraíso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

⁵ No prólogo de sua autobiografia, Zweig diz o seguinte: “Assim não pertencço a lugar nenhum, em toda parte sou estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, hóspede”. Cf. ZWEIG, Stefan, *Autobiografia: o mundo de ontem*, p. 14.

os doze dias no Brasil que para ele “resteront éternellement inoubliables” (ZWEIG, 2008, p. 205). E diria ainda na mesma carta: “Le Brésil est un paradis qui est aussi humainement merveilleux” (ZWEIG, 2008, p. 206). Neste mesmo ano, conhece Petrópolis, cidade onde sua partida derradeira se consumaria em 1942.⁶

O mergulho da Europa cada vez mais profundo em direção à sua própria autodestruição ampliava a fissura já existente entre Stefan Zweig e o seu mundo.⁷ Vê-se judeu como nunca – em razão de sua inaudita condição de errante – e a Europa em ruínas. O Brasil, afirma Alberto Dines (2004, p. 298), tornar-se-ia, portanto, o “Éden que procurava”.⁸

Realizando o desejo de voltar ao “país maravilhoso” (ZWEIG, 1941, p. 294), o caminho de volta ao Brasil seria iniciado em 19/06/1940. Ao lado de sua jovem esposa, Lotte, Zweig parte da Inglaterra para New York sem dar adeus ao velho mundo. Não voltaria jamais à Europa. Nos EUA, o escritor não se convence de que New York representava uma chance de reencontro o idílio perdido. Fisicamente longe da guerra e mesmo próximo de muitos judeus exilados, Zweig não sente se reconciliado. Em 09/08/1940 embarcara, então, para o Brasil. Chegou ao país do futuro exatamente na mesma data na qual chegara 4 anos antes, 21 de agosto (cf. DINES, 2004, p. 298). Aos olhos de Zweig, a civilização brasileira, paraíso ainda desconhecido pelo resto mundo, estaria em estágio de germinação. Em entrevista à Agência Nacional⁹, um ano antes de sua volta ao Brasil em 1941, diria: “[...] para nós, que vemos a Europa decadente, isso representa consolo e esperança” (cf. DINES, 2004, p. 313). Zweig enxergava-se no mesmo caminho trilhado por milhares judeus depois de 1933: o do exílio.

Zweig e Lotte permaneceriam no Brasil até 21/01/1941. Durante o mês de janeiro do referido ano e movido pelo desejo de escrever um livro sobre o país que o encantara em 1936, Zweig percorrera diversas cidades brasileiras com objetivo de aprofundar suas impressões.

⁶ Após 1940, a conexão do escritor e missivista com o Brasil legou às letras e também à história inúmeras obras, dentre as quais destacaríamos: um espesso epistolário dirigido a muitos amigos, à sua ex-esposa, Friderike Maria Zweig, e ao casal Manfred e Hannah Altmann, respectivamente irmão e cunhada de Lotte; a controversa obra *Brasil, país do futuro*, a novela *Xadrez, uma novela* [edição brasileira] e, por último, sua autobiografia, intitulada *Autobiografia: o mundo de ontem* [edição brasileira], obra que foi retomada e concluída no Brasil.

⁷ Na introdução à obra *Brasil, país do futuro* [*Brasilien, ein Land der Zukunft*], Zweig nos mostra parte da ferida que não se cicatrizará nunca: “Cada vez veemente era o meu desejo de me retirar do mundo que se destrói, e de passar algum tempo no mundo que se desenvolve de maneira pacífica e fecunda; afinal cheguei de novo a este país, mais bem preparado do que anteriormente, a fim de tentar fazer dele uma pequena descrição. Cf. ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941, p. 12.

⁸ Em referência ao livro *Brasil, país do futuro*, Izabela Maria Furtado Kestler fala de num paraíso existente somente na imaginação de Zweig. Cf. KESTLER, I. M. F., *Exílio e literatura*, p. 208.

⁹ Alberto Dines cita uma entrevista de Zweig à Agência Nacional, em setembro de 1940.

Observando um pouco mais de perto o país de proporções continentais, colhia subsídios para o que se tornaria o livro *Brasil, país do futuro* [*Brasilien, ein Land der Zukunft*]. A ideia de redigir um livro sobre o Brasil já havia sido revelada a Abrahão Koogan em carta datada de 22 julho de 1940 (Zweig escreve provavelmente de New York):

Enfin cet été je serai capable de réaliser mon plan de revenir en Amérique du Sud avec ma femme et comme première étape j'ai l'intention de venir à votre merveilleux Rio pour y élargir mes premières études sur le Brésil et en faire un livre (ZWEIG, 2008, p. 353).

Embora se sentisse hóspede desde 1936 diante da calorosa hospitalidade recebida em solo brasileiro e não cessasse desde então de admirar o Brasil, tanto que em carta a Berthold Viertel, em 1940, reafirma sua admiração – “[...] ce pays est l'une des expériences les plus merveilleuses qu'un homme puisse avoir aujourd'hui” (ZWEIG, 2008, p. 368)¹⁰ – os “males da ausência” se impuseram inevitavelmente : desespero, cauterização das forças e de toda sorte de esperança, a necessidade forçada ou voluntária de se falar uma língua que não se conhece. Ou seja: o hóspede, em seu caso, é também um estrangeiro. Em maio de 1941, antes mesmo de decidir em definitivo pelo seu retorno ao Brasil, Zweig se corresponde com Gisella Selden-Goth e revela os incômodos com as circunstâncias de se sentir estrangeiro, nômade e também o desejo de retornar ao Brasil: “[...] ma situation d'étranger n'est pas confortable – je préférerais retourner au Brésil, mais là-bas, en plein cœur de la nature superbe, on est terriblement isolé à cause de cette langue impossible à apprendre” (ZWEIG, 2008, p. 385). Ao escrever para Manfred e Hannah Altmann, pouco após o seu retorno ao Brasil em 1941, Zweig reaviva de certo modo as linhas escritas à Gisella Selden-Goth: “[...] ce serait excessif de dire heureux car je ne peux me faire à cette vie de nomade, sans maison et sans livres, nous restons à jamais des Européens, et nous sentirons étrangers partout ailleurs” (ZWEIG, 2012. p. 199).

Alberto Dines (2004, p. 318), biógrafo brasileiro de Zweig, sugere que o escritor austríaco, face à vertiginosa desintegração do mundo ao qual pertencia, sentia o peso de estar vivo. O embate com o sentimento de finitude, com a iminente experiência do fim, não a que deriva do reconhecimento de uma condição que se apresenta à própria existência, mas a que

¹⁰ Carta a Berthold Viertel, de 11 de outubro de 1940.

provém da profunda consciência da condição de estrangeiro e exilado¹¹. Deslocando-se de um lugar para o outro em tão pouco tempo, tal como um nômade, experimentaria aquela “fratura incurável” de que fala Edward Said (2003, p. 46) a respeito do exílio. Em missiva de 10 de setembro de 1941 à Friderike Maria Zweig, sua ex-esposa, expressa certo conflito entre sua provisória condição de segurança e sua impotência diante da autodestruição da Europa: “Les nouvelles de France et d’Europe en général nous rappellent que manger et dormir en paix sont des conquêtes prodigieuses [...]” (ZWEIG, 2008, p. 395). Dias antes de sua morte, compartilharia com Lise e Jules Romains a questão para qual não encontra jamais a resposta: “J’ai quelques années de plus que toi et comme ces années passées étaient si chargées d’inquiétude, je me demande souvent où trouver la fontaine de jeunesse” (ZWEIG, 2008, p. 429). Como seria possível ignorar o seu lugar na cultura europeia, a sua condição de homem de letras, esquecer a sua língua, elo fundamental entre o Zweig escritor e o mundo que lhe pertenceu? Na carta que escreveu a Franz e à Alma Werfel, datada de 20 de novembro de 1941, Zweig expressa-se de forma profunda:

[...] je ne trouvais plus l’identité avec moi-même dans toutes les absurdités que le temps nous impose – écrivain, poète dans une langue sans avoir le droit d’écrire dans cette langue, alternativement étranger ennemi et citoyen dans l’outre pays, soumis aux autorisations, grâces et permissions dans tous les autres, coupé de tout ce qui était patrie, - l’Europe, et en particulier la France, l’Italie, le monde latin. – encombré de valise et privé de ses livres, de ses papiers, se propulsant de lieu en lieu avec sous cette haine mortelle non seulement pour la guerre mais aussi pour la déraison qui des années durant l’a rendue possible : tout cela m’accablait atrocement, et avec ça la chose que vous pourriez le mieux comprendre, que dans cette vie nomade, avec au-dessus de la tête une tempête déchaînée et destructrice, je ne parvenais pas à travailler, ou du moins pas en me concentrant (ZWEIG, 2008, p. 409).

Zweig, contudo, não demove de si a imagem idílico-paradisiaca forjada pela sua breve passagem pelo país do futuro ainda em 1936¹². Esta imagem o acompanhará até o momento

¹¹ Na sua autobiografia, Zweig diz o seguinte: “Não havia país para onde pudéssemos nos refugiar, nenhuma tranquilidade que pudesse ser comprada, sempre e por toda parte a mão do destino nos agarrava e nos puxava de volta para o seu jogo insaciável”. Cf. ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 17.

¹² Não seria de se estranhar que tal percepção também fosse a de Lotte. Em carta datada 3/10/1941, endereçada à Hannah Altmann, Lotte dizia que o livro sobre o Brasil talvez oferecesse as razões do amor que ela [Lotte] e Zweig nutriam pelo país. Cf. ZWEIG, Stefan; ZWEIG, Lotte. *Lettres d’Amérique*. New York, Argentine, Brésil (1940-1942) Paris: Bernard Grasset, 2012, p. 210.

final. Diria ainda a Franz e à Alma Werfel que o lugar onde agora habita – a carta é datada de setembro de 1941 – “c’est un pays merveilleux et émouvant” (ZWEIG, 2008, p. 409) por guardar traços que pertenciam ao mundo que fora o seu antes da guerra. E diz ainda: “les gens sont pacifique, aimables, agréablement détendus comme nous Autrichiens, et la nature” – imagem imediata de tudo aquilo que o paraíso originário sugere – “est enchanteresse, une véritable orgie de couleurs et de beauté. Ici, je respire [...] Ici on a un regard tranquille” (ZWEIG, 2008, p. 410). Enfim: “[...] je suis rentré au Brésil que j’aime tant... C’est pour me sauver a moi-même que je suis venu ici dans la montagne” (ZWEIG, 2008, p. 409-410).

O último êxodo de Zweig em 1941 o levou fisicamente ao paraíso, muito embora estivesse existencialmente num grande deserto desde 1934. Em correspondência a Alfredo Cahn [datada de 19 de setembro de 1941] admite: “Nous sommes revenus d’Amérique terriblement épuisés et ces pérégrinations d’hôtel en hôtel déconcentrent énormément” (ZWEIG, 2008, p. 399). À Hannah e Manfred escreveria: “l’ampleur de cette guerre dépasse nos facultés humaines d’anticipation et je m’efforce (en vain) de ne pas penser à l’avenir lointain” (ZWEIG, 2012, p. 221)¹³. A missiva de 19 de fevereiro de 1942 à Lise e Jules Romains é reveladora e contundente: “Cela fait presque dix ans que mène cette vie d’un état provisoire à l’outré, d’une incertitude à l’outré [...] “Un arbre sans racine est une chose bien chancelante [...]” (ZWEIG, 2008, p. 429). Zweig, assim, apresentava claros sinais de abatimento. Apesar das missivas que davam fragmentárias notícias do seu paraíso terreno, percebia-se, ambigualmente, sem pátria, exilado e isolado, sem forças e sem esperança.

Desde os EUA, Zweig concentrava esforços na redação da sua autobiografia. Ainda naquele país, em correspondência a Paul Zech [em 05/06/1941], Zweig escreve: “[...] je travaille à l’histoire de ma vie, pour laisser au moins un document attestant de ce que nous avons voulu, de ce que nous avons cherché et contribué à faire, nous, génération la plus éprouvée par le destin depuis des décennies et de siècles peut-être” (ZWEIG, 2008, p. 387). Parecia ter pressa. Dias antes do suicídio, o texto final de sua autobiografia é remetido a editores estrangeiros e a Abraão Koogan, amigo e editor brasileiro. Zweig termina os seus dias fazendo e refazendo a ausculta de sua própria existência; um real exame de si:

¹³ Escrita provavelmente entre 28/10/41 e 1/11/41.

[...] j'écris mes livres comme une sorte de tour de force, uniquement pour me convaincre moi-même que j'existe toujours, mais je sais parfaitement que mon vrai public a disparu, qu'il ne reviendra jamais, et que suis semblable à ce personnage de Grillparzer, qui continue à vivre après son propre enterrement (ZWEIG, 2012, p. 221).

Em fevereiro de 1942, seguiria o caminho de outros judeus, como Walter Benjamin.

2. *Ultima verba*: fim da literatura, fim da existência

Zweig e Lotte viveram os seus últimos dias no pequeno bangalô localizado no número 34 da rua que leva ainda hoje o nome do poeta brasileiro Gonçalves Dias. O último ato, a *ultima verba*, a obra que encerra o legado literário de Zweig, a *Declaração* deixada sobre sua mesa de trabalho foi encontrada por Léopold Stern. Nela, em tom confessional, o escritor austríaco dizia se sentir impulsionado – “Avant de quitter la vie” – a cumprir um último dever: o de agradecer profundamente ao Brasil por ter proporcionado a ele e à sua obra “si aimable et si accueillante hospitalité”¹⁴. Por ausência de melhor percepção, diríamos que Zweig, em relação ao Brasil, foi um impressionista. Levando as últimas consequências um estranho ufanismo (sendo ele austríaco) que parte de sua literatura do exílio revela, mas sem se desvencilhar da dor da distância, da perda das suas pátrias, a Áustria e a língua alemã, Zweig deixa-nos uma bela e generosa fotografia de sua experiência em solo brasileiro. Nas cartas do exílio (e também no livro *Brasil, país do futuro*) estão recolhidos fragmentários testemunhos da sua vertiginosa experiência com o país que se tornou para ele não só um tipo de paraíso terreno, mas também a sua Canã e lamentavelmente a continuidade do seu deserto. A referência à mítica terra prometida bíblica aparece ostensivamente em correspondência à Hannah e Manfred [datada de 15 de novembro de 1941]: “Nous regrettons si terriblement de ne pouvoir vous envoyer de ce ‘pays de Cannan’ du café, su sucre [...]” (ZWEIG, 2012, p. 233). Na introdução ao livro *Brasil, país do futuro*, como quem se move pelas próprias memórias, recupera em primeira pessoa a sua primeira “fotografia” do Brasil: “[...] Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, comovido, pois se me deparou não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente

¹⁴ Acerca o conceito de hospitalidade, o trabalho de Jacques Derrida [com Anne Dufourmantelle] parece-nos ainda hoje intransponível. Cf. DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

nova de civilização” (ZWEIG, 1941, p. 10-11). Referia-se à chegada ao Rio de Janeiro, em 1936. Mesmo após as inúmeras críticas provenientes de diversos setores da intelectualidade brasileira (ao nosso ver injustas) em razão da aparição do livro *Brasil, país do futuro*, permaneceu inviolável em Zweig o sentimento que nutriu pelo país que o acolheu: o da hospitalidade, assim cremos. Na conclusão do seu relato impressionista, o livro *Brasil, país do futuro*, escreveria sob o paratexto “Despedida”: “Quem visita o Brasil, não gosta de o deixar [...]” (ZWEIG, 1941, p. 294). Não só retornou ao Brasil em agosto de 1941 como nele permaneceu e escreveu sua *ultima verba*. A vida e a literatura terminam com a *Declaração*. Quase sempre concebida apenas como uma *lettre d’adieu*, a última obra de Zweig é endereçada, à Europa, aos amigos e, sobretudo, ao Brasil – país que se tornou para ele mescla de paraíso e terra prometida. Nela, manifesta-se aquilo que eu chamaria muito despretensiosa e provisoriamente de dialética da hospitalidade, isto é, o dever de agradecer ao anfitrião.

Tem razão Alberto Dines (2004) em dizer que Zweig reconcilia-se com a língua que para o próprio escritor tornara-se em certo sentido proscrita, pois escreve o último ato em alemão. Somente o título de sua *ultima verba* é redigido em português. Nela, endereça aos amigos a esperança que não é mais capaz nutrir. Mas antes, agradece ao Brasil, “este admirável país”. Eis então a sua *ultima verba*:

 Declaração

Ehe ich ein freies Willen und mit klaren Sinnen
am dem Leben scheidet, drängt es mich eine letzte Pflicht
zu erfüllen: diesem wunderbaren Lande Brasilien
in wenig zu danken, das mir und meiner Arbeit so gute
und gastliche Rat gegeben. Mit jedem Tage habe ich das
Land mehr lieben gelernt und nirgends finde ich ein
neues Leben lieber vom Grunde aus neu aufbauen,
nachdem die Welt meiner eigenen Sprache für mich
übergegangen ist und ~~alle~~ meine geistige Heimat
sich selber vernichtet.

Aber nach dem sechzigsten Jahre bedürfte es besonders
Kräfte wie noch einmal völlig neu zu beginnen. Und
die mir sind durch die ~~letzten~~ letzten Jahre durch
toren Wandern erschöpft. So habe ich es für besser,
rechtzeitig und in aufrechter Haltung ein Leben abzu-
schließen, dem geistige Arbeit, immer die besten Freunde
und persönliche Freiheit das höchste Gut hier Erde
gesehen.

Ich grüße alle meine Freunde! Morgen s ich die Morgen-
röte noch sehen nach der letzten Nacht! Ich, alle die
Ungeheueren, gele ihren voraus.

Stefan Zweig

Petropolis 22. II 1942

15

¹⁵ Segue, abaixo, uma tradução [nossa] concebida a partir da que foi realizada em francês pelo amigo de Stefan Zweig, Léopold Stern. A tradução de Stern encontra-se no pequeno livro publicado ainda 1942, pouco tempo

Considerações finais

Tal como Sócrates, Zweig prefere a morte ao exílio; tal como Benjamin e tantos outros judeus, face ao desespero, vai ao encontro dela. Léopold Stern, o primeiro a traduzir a *Declaração* – e o faz para o francês ainda na casa da rua Gonçalves Dias, em Petrópolis – reconheceu generosamente que o conteúdo da carta seria “[...] indiscutablement les lignes les plus poignantes que l’auteur d’AMOK ait jamais écrites” (STERN, 1942, p. 18). Ao contrário de Hannah Arendt e Thomas Mann foi compassivo e indulgente com Zweig. Stern o compreendeu integralmente: “Pendant que je traduis, je comprends l’immense désolation qui a conduit Zweig à détruire volontairement sa vie au cours de laquelle il avait connu la gloire, les honneurs et tout ce qui donne le bonheur sur terre” (STERN, 1942, p. 18).

Claramente marcada pelos nefastos efeitos do exílio, a última passagem de Zweig pelo Brasil demonstra o quanto ele permaneceu atado à literatura até o fim de sua vida. Em nossa ótica, as obras que guardam relações com o “país do futuro” sinalizavam, a um só tempo, o acirramento de uma percepção escatológica da sua própria vida e do seu mundo espiritual, a Europa, mas também, paradoxalmente, uma visão paradisíaca da terra na qual seria enterrado. Izabela Maria Furtado Kestler oferece-nos a mesma percepção ao comparar a autobiografia de Zweig e a obra *Brasil, país do futuro*. Para ela, a melancólica e catastrófica visão da Europa delineada no texto autobiográfico de Zweig se “contrasta com o otimismo exuberante do livro sobre o Brasil” (cf. KESTLER, 2003, p. 206).

Se no prólogo de sua autobiografia, obra concluída no Brasil, Zweig não se exime de apontar o dedo para a Europa:

depois da partida de Zweig e que foi intitulado *La mort de Stefan Zweig*. Cf. STERN, Léopold. *La mort de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1942, pp. 19-20:

Antes de deixar esta vida, por minha própria vontade e com toda clareza que me é possível, sinto-me impulsionado ao cumprimento de um último dever: agradecer profundamente a este admirável país, o Brasil, que proporcionou, a mim e à minha obra, tão amável e acolhedora hospitalidade. Dia após dia eu aprendi a amar este país cada vez mais. Em parte alguma eu teria adorado tanto reconstruir a minha vida, desde que o mundo da minha língua materna obscureceu-se para mim, e que a Europa, minha pátria espiritual, se autodestrói.

Depois dos sessenta anos forças extraordinárias me seriam necessárias para recomeçar inteiramente a minha existência. E as minhas, após esses longos anos de errância e sem pátria, reduziram-se ao nada.

No justo tempo e erguido, considereei terminar esta vida que sempre teve no trabalho intelectual a mais genuína alegria e na liberdade pessoal o bem supremo desta terra.

Eu digo adeus aos meus amigos! Que possam eles contemplar a aurora após a longa noite. Eu, demasiado impaciente, sigo antes o meu caminho.

Três vezes eles destruíram minha casa e minha vida, arrancando-me de tudo que existiu antes, de todo passado, e me arremessando com sua veemência dramática para o vazio, para o ‘não sei a onde ir’, que eu já conhecia [...] Minha vida foi invadida por todos os pálidos cavalos do apocalipse, revolução e fome, inflação e terror, epidemias e emigração [...] (ZWEIG, 2014, p. 13).

Também nela, na última secção, “a agonia da paz”, não se eximiria de oferecer ao mundo inteiro uma bela imagem do seu último porto:

[...] uma esperança não menor significou para mim o Brasil, esse país prodigamente presenteado pela natureza com a mais linda cidade do mundo... Com os olhos deleitados pela beleza multifacetada dessa nova natureza, eu lançara um olhar para o futuro (ZWEIG, 2014, p. 353).

Na *Declaração*, escreveria ainda: “Chaque jour j’ai appris à aimer davantage ce pays, et nulle part je n’aurais mieux aimé reconstruire radicalement ma vie [...]” (STERN, 1942, p. 19-20). Em diametral oposição à obscura visão que apresenta da Europa, Zweig enaltece o Brasil, este “merveilleux Eldorado” como bem sublinha Dominique Frischer (2011, p. 240), e o agradece pela “accueillante hospitalité”. O demônio da impaciência, porém, o impediu de contemplar a aurora que chegou após a longa noite.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DINES, Alberto. *Morte no paraíso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FRISCHER, Dominique. *Stefan Zweig: autopsie d’un suicide*. Paris: Éditions Écriture, 2011.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala Alemanha durante a época do nazismo*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2003.

PÉREZ, Ana. *El exilio alemán (1933-1945). Textos literarios y políticos*. Madrid: Marcial Pons, 2008.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STERN, Léopold. *La mort de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1942.

ZWEIG, Stefan; ZWEIG, Lotte. *Lettres d'Amérique*. New York, Argentine, Brésil (1940-1942) Paris: Bernard Grasset, 2012.

_____. *Correspondence 1932-1942*. Paris: Bernard Grasset, 2008.

_____. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941.

Recebido em: 02 de novembro de 2020.

Aceito em: 30 de novembro de 2020.